

# O comportamento sintático dos possessivos nas línguas românicas

Xavier FRÍAS CONDE

Universidad Nacional de Educación a Distancia  
xfrias@flog.uned.es

**RESUMO:** Os possessivos nas línguas românicas mostram um comportamento muito complexo quando se comparam as diferentes línguas românicas. O nosso objetivo será, portanto, fazer uma abordagem do sintagma possessivo (SPOSS) e as suas eventuais combinações com outras projeções do cúmulo nominal (nomeadamente demonstrativos e artigos), onde as diferentes posições dos possessivos (isto é, pré-nominal e pós-nominal) são interpretadas como casos de movimento de subida ou ausência de movimento respectivamente. Será preciso, portanto, estabelecer uma tipologia de categorias arredor dos possessivos.

**Palavras clave:** possessivos, sintagma possessivo, demonstrativos, determinantes.

[Recibido, marzo 2011; aprobado, junio 2011]

## The syntactic behaviour of possessives in the Romance languages

**ABSTRACT:** Possessives in the Romance languages show a rather complex behaviour, turning out quite different when comparing the different languages. Our goal is to follow a generative approach of the Possessive Phrase (POSSP) and its possible combinations with other functional projections of the Noun Cluster (namely demonstratives and articles), where the different positions of possessives, i.e. prenominal and postnominal positions are interpreted as cases of rising or lack of movement respectively. Therefore a certain typology of possessives is required.

**Keywords:** possessives, possessive phrase, demonstratives, determiners.

## 1. O complexo do sintagma nominal e as suas projeções

A categoria dos possessivos nas línguas românicas tem uma imensa diversidade de comportamentos. Nestas páginas faremos uma abordagem do seu comportamento sintático no conjunto do sintagma nominal (SN) e a suas projeções funcionais no sintagma determinante (SD). É preciso estabelecer uma série de princípios sobre os quais se fundamentará a nossa posterior<sup>1</sup>. Em primeiro lugar, o SD é interpretado como uma categoria funcional do SN paralelamente a como o sintagma complementador (SC) e o sintagma flexivo (SF) o são para o sintagma verbal (SV) segundo a “hipótese do SD”<sup>2</sup> (Alexiadou *et al.* 2007, 79-84). Esta hipótese é seguida por nós, de tal forma que a estruturação do sintagma nominal com as suas projeções vai permitir que possamos partir de uma estrutura complexa em que as relações entre o nome e o determinante por um lado, e o nome e o possessivo pelo outro, sejam muito mais complexas do que parecem. O possessivo tem uma forte relação com o determinante, cuja natureza é muito complexa, porque não é o mesmo o artigo do que o demonstrativo, de facto são categorias muito diferentes mesmo sintaticamente, mas que influem no comportamento sintático do possessivo.

É preciso, portanto, começar com a estrutura de complexo nominal com que vamos trabalhar. As categorias funcionais (artigos, demonstrativos e possessivos) devem ser colocadas hierarquicamente. Já em Alexiadou (2007: 111) são recolhidas as teorias mais recentes que indicam que o demonstrativo se gera por baixo do SN. Também em Alexiadou (2007: 117) discute-se sobre a natureza de especificador ou de núcleo do demonstrativo. Nós trabalharemos com a hipótese de que é um núcleo funcional e simplificaremos a questão trabalhando com núcleos, mas aceitando que a sua geração é pós-nominal e, como veremos a seguir, nem só os demonstrativos se geram por baixo do nome, mas também os possessivos. Tomaremos como ponto de partida uma estrutura espanhola como:

(1) ES: [<sub>SD</sub> *El amigo tuyo aquel*]

Aqui pode ser observado que o artigo *el* ocupa a posição mais elevada, enquanto após o nome encontram-se o possessivo e o demonstrativo nesta ordem. Possivelmente esta seja a ordem de geração românica, que apenas se encontra em espanhol. Isto permite-nos formular uma estrutura de partida assim:

<sup>1</sup> As línguas românicas com que trabalhamos são: galego-português, espanhol, catalão, francês, italiano, sardo e romeno.

<sup>2</sup> O próprio Alexiadou trabalha com outra categoria do cúmulo nominal, o SF que faz referência à concordância nominal, mas que neste caso não precisamos representar. Porém, na “hipótese do SD” encontramos que é preciso estabelecer que o SD é uma macrocategoria, como o é o SC ou o SF respeito do SV. Não tivemos presente o SQ (sintagma quantificador), portanto, provavelmente seria preciso falar de Sintagma Definido (SDEF), Sintagma Indefinido (SIND), etc. Mas por razões de simplicidade, manteremos neste estudo o SD sem desenvolver, insistindo em que o consideramos uma macrocategoria, que não desenvolveremos porque não é o objeto deste trabalho.

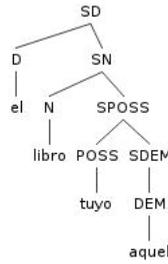


Figura 1

Sempre segundo a realidade do espanhol, desde aqui é possível explicar as estruturas mais frequentes, que podem aparecer nesta língua:

- (2) ES: [<sub>SD</sub> *Aquel amigo tuyo*]

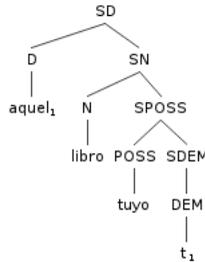


Figura 2

E com a ausência do demonstrativo, que de facto é uma categoria opcional, igual que o próprio possessivo, uma estrutura não marcada, com o possessivo pré-nominal, teria um comportamento semelhante:

- (3) ES: [<sub>SD</sub> *Tu libro*]

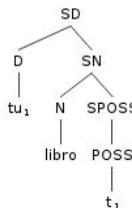


Figura 3

Porém, é preciso explicar por que a subida do possessivo para SD envolve a sua atonização, mas este é um aspecto que será analisado posteriormente no §4.3.

## 2. Evidências da geração pós-nominal do SPOSS em latim

A nossa hipótese da geração pós-nominal (ou mais bem subnominal) do SPOSS nas línguas românicas tem a sua base já no mesmo latim. Alguns dados não são concluintes, mas outros têm muito mais valor para afirmar que o possessivo já era subnominal em latim.

O possessivo tinha tendência a ser pós-nominal:

- (4) **LT:** [<sub>SD</sub> *Amicus tuus*]  
 (5) **LT:** [<sub>SP</sub> *In terra nostra*]

Também era muito frequente que o demonstrativo aparecesse nestas construções e que ele for pré-nominal:

- (6) **LT:** [<sub>SD</sub> *Hic amicus tuus*]  
 (7) **LT:** [<sub>SP</sub> *In ista terra nostra*]

A colocação à direita pode ser tomada como uma interpretação da sua geração pós-nominal, mas não é uma prova concluinte. Contudo, convém atender para outro pormenor que vai apoiar esta hipótese: a estreita relação entre o possessivo e a forma de genitivo dos pronomes pessoais. Visto que os possessivos derivam do genitivo dos pronomes pessoais, a sua colocação à direita faz muito mais sentido. Além disso, os usos do demonstrativo em genitivo nos casos em que o possuidor não é o sujeito não fazem mais do que apoiar esta hipótese:

- (8) **LT:** [<sub>SD</sub> *Gloriam eius*] *vidimus*

A relação de possessivos e caso genitivo é evidente:

- (9) **LT:** [<sub>SD</sub> *Domus*<sub>nom</sub> [<sub>SP</sub> *Petri*<sub>gen</sub>]] *in Hispania est*

O latim aceitava a combinação do possessivo com o demonstrativo, onde normalmente o demonstrativo ascendia, enquanto o possessivo ficava no seu espaço original:

- (10) **LT:** [<sub>SD</sub> *Haec terra nostra haec*]

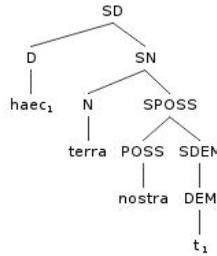


Figura 4

Mas esta estrutura começou a ser substituída por outra onde o demonstrativo já aceitava o possessivo anexo, sem ainda poder ser considerado o artigo. Esta construção vai ser o início da maioria das estruturas de possessivo atributivas românicas:

- (11) **LT:** [<sub>SD</sub> *Illa terra nostra nostra illa*]

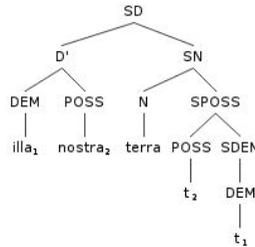


Figura 5

Existiu em latim ainda uma terceira opção, nomeadamente no latim dos Bálcãs, com um movimento mais complexo ainda:

- (12) **LT:** [<sub>SD</sub> *Terra illa terra nostra illa*]

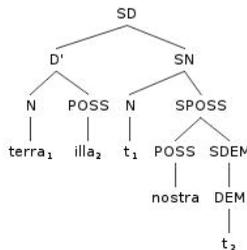
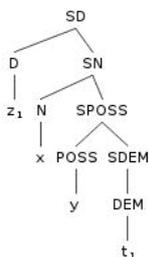
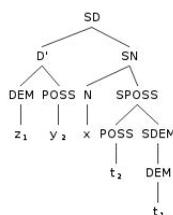


Figura 6

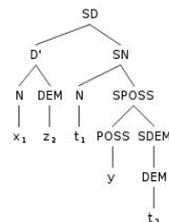
Conclusivamente, o latim, tanto o clássico, quanto as variantes faladas locais, utilizaram diversas possibilidades de combinação que recuperamos aqui:



Esquema I  
Figura 7



Esquema II  
Figura 8



Esquema III  
Figura 9

Portanto, há suficientes evidências para acreditar que já em latim o possessivo se gerava à direita do nome. Tal situação mantém-se nas línguas românicas com resultados diferentes como veremos a seguir. Também as construções do ponto 5.2. são outra evidência que sustenta esta hipótese.

### 3. O sintagma possessivo

É claro que o possessivo projeta-se num sintagma e que não funciona como especificador de qualquer outro sintagma. Aliás, partimos da hipótese de que o SPOSS se gera à direita do SN, mas nas línguas românicas atuais encontramos tanto casos de possessivos pré-nominais quanto pós-nominais. Além disso, outra grande diferença entre as mesmas línguas românicas é que a maioria delas torna obrigatório o uso de um determinante (nomeadamente o artigo definido) para o uso atributivo do possessivo.

Sobre esta segunda questão, abre-se uma clara divisão da România em dois grupos:

**-Grupo I:** Requerem SD com artigo: galego-português (europeu), diassistema italo-românico, catalão, romeno e sardo.

**-Grupo II:** Não requerem SD com artigo: francês, espanhol, português (brasileiro); O occitano admite ambas as construções.

Eis um par de exemplos (o primeiro do grupo I, o segundo do grupo II)

(13) **IT:** [<sub>SD</sub> *Il tuo amico*]

(14) **FR:** [<sub>SD</sub> *Ton ami* ]

Esta diferença de comportamento pode parecer que se explica facilmente com a presença ou a ausência do SD, mas na realidade não é assim, porque o SD, como categoria funcional superior do SN, como já ficou dito, está sempre lá. Portanto, a interpretação é outra:

No caso italiano, o determinante artigo está presente:

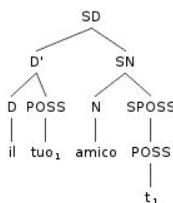


Figura 10

Porém, em francês não:

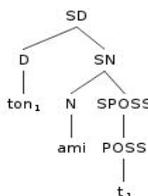


Figura 11

Anteriormente citámos também a possibilidade de o possessivo ser pós-verbal. Isto acontece opcionalmente nalgumas línguas e obrigatoriamente noutras. Podemos fazer a seguinte classificação:

**-Grupo A:** O possessivo é sempre pré-nominal: francês

**-Grupo B:** O possessivo é normalmente pré-nominal, mas pode aparecer pós-nominal em determinadas ocasiões: ibero-romance, occitano-romance, ítalo-romance.

**-Grupo C:** O possessivo é obrigatoriamente pós-nominal: sardo, romeno.

**-Grupo D:** O possessivo é pós-nominal nalguns casos concretos (fossilizados): italiano, catalão

#### 4. Os possessivos segundo o Esquema I

##### 4.1. O possessivo em galego-português

Por um lado, o galego apresenta uma complexidade enorme quanto à estrutura dos possessivos, a qual é, de facto, muito mais complexa do que a que possui o português europeu, como veremos a seguir. O galego é muito conservador, pelo que o seu comportamento com os clíticos faz que se encontrem enormes semelhanças com o italiano.

Quanto ao seu uso atributivo, a sua estrutura não marcada precisa do artigo definido:

(15) [SD *Os meus colegas*]

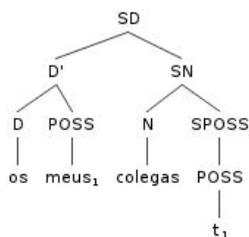


Figura 12

Porém, há circunstâncias em que o galego omite opcionalmente o determinante artigo. Isto é normal com os nomes de parentesco direto, como também acontece em italiano:

(16) **GL:** [<sub>SD</sub> *O meu pai / meu pai*] *está na vila*

Enquanto em português europeu a presença do artigo é obrigatória também nesta construção:

(17) **PT\_EU:** [<sub>SD</sub> *O meu pai / \*meu pai*] *está na aldeia*

A interpretação que se pode fazer para o caso galego é um *pro* a ocupar o núcleo D, o qual seria impossível em português europeu:

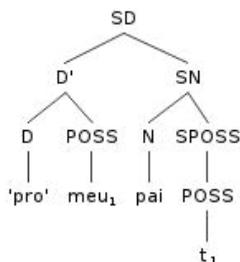


Figura 13

O facto do D ter como operador *pro* explica por que o artigo pode ser recuperado. Além disso, o galego, à diferença do português, aceita ir precedido de demonstrativos e do artigo indefinido, o qual não é possível em português:

(18) **GL:** [<sub>SD</sub> *este teu estudo teu este*] *é fascinante*

(19) **GL:** *Visitamos* [<sub>SD</sub> *uns seus amigos seus*] *na cidade*

Em português, porém, os mesmos exemplos não permitem a subida do possessivo, que fica na posição originária:

- (20) **PT:** [<sub>SD</sub> *este estudo teu este*] é fascinante  
 (21) **PT:** *Visitámos* [<sub>SD</sub> *uns amigos seus*] na cidade.

O galego ainda apresenta uma peculiaridade compartilhada com o espanhol: a não subida do possessivo para a posição pré-nominal, embora costume tratar-se de uma construção (muito) marcada:

- (22) **GL:** *Por que falas tanto* [<sub>SP</sub> *dos amigos teus?*]  
 (23) **ES:** ¿*Por qué hablas tanto* [<sub>SP</sub> *de los amigos tuyos?*]

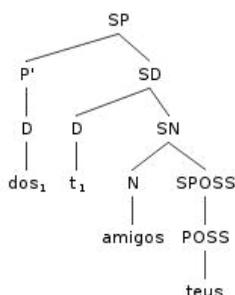


Figura 14

Como se vê, o português europeu permite uma mobilidade muito menor dos possessivos em função atributiva. Além disso, existe uma grande diferença entre a variedade europeia do português e a americana, perfeitamente conhecida: o português brasileiro costuma prescindir do artigo. Portanto, o gráfico 13 serviria para representar esta situação do português brasileiro, onde, à diferença do que acontece em galego com os nomes de parentesco, a omissão do artigo é já norma.

Contudo, há certos casos em que o português europeu omite o artigo (na realidade são estruturas preposicionais), mas não é assim em galego. Trata-se por um lado das construções com *casa*:

- (24) **PT:** *Está* [<sub>SP</sub> *em sua casa*]  
 (25) **GL:** *Está* [<sub>SP</sub> *na sua casa*]

E pelo outro certas expressões fossilizadas como:

- (26) **PT:** *em minha opinião*  
 (27) **PT:** *por sua vez*

#### 4.2. O possessivo em italiano

O italiano tem exatamente o mesmo comportamento que o galego com o possessivo, tal como se aprecia nos seguintes exemplos, exceto a estrutura marcada no gráfico 14:

- (28) IT: [<sub>SD</sub> *La nostra vicina nostra* /\* *La vicina nostra*]  
 (29) IT: [<sub>SD</sub> *Mio babbo*]  
 (30) IT: [<sub>SD</sub> *Quella mia macchina mia*] ou bem: [<sub>SD</sub> *Quella macchina mia*]  
 (31) IT: [<sub>SD</sub> *Un mio amico mio* ou *un amico mio*]

Veja-se depois o uso das construções com *casa* e os vocativos sem artigo no §7.1.

#### 4.3. O possessivo em espanhol

O espanhol teve nos seus inícios um sistema parecido com o galego-português e o italiano, mas depois evoluiu para outro comum com o francês onde o possessivo ocupa diretamente o núcleo D (cf. gráfico 11). As formas atributivas do singular apresentam, aliás, a eliminação da concordância de gênero no possuidor de uma só pessoa (*mi, tu, su*), embora se mantenha nas formas de vários possuidores da primeira e da segunda pessoa (*nuestro, vuestro*)

Em espanhol atual é obrigatório que o possessivo fique na sua posição originária quando o núcleo do SD é um demonstrativo ou o adjetivo indefinido:

- (32) ES: [<sub>SD</sub> *Aquellas notas tuyas aquellas*]  
 (33) ES: [<sub>SD</sub> *Unos buenos amigos nuestros unos*]

Porém, ainda no período clássico, o espanhol sim aceitava o movimento do possessivo com o determinante:

- (34) ES: [<sub>SD</sub> *Essos vuestros ojos vuestros esos*]

A diferença que existe em espanhol entre as formas tônicas e as átonas, isto é, a diferença de paradigmas entre os possessivos de um só possuidor no seu uso tônico ou átono, faz-nos voltar a vista para a questão dos pronomes possessivos em genitivo que já foi tratado no §2.

Pode-se afirmar que o núcleo do SPOSS, nos usos atributivos, é sempre átono nas línguas românicas, também em espanhol. Porém, esta língua distingue entre um uso tônico e outro átono segundo se encontrar o possessivo em posição pós-nominal ou pré-nominal.

A única razão para explicar este comportamento não está na *atonicização* do possessivo no seu movimento ascendente, mas numa estrutura diferente do SPOSS. Trata-se de um SP onde o núcleo do SD é um pronome pessoal onde P

atribui caso genitivo. Assim, o espanhol é a única língua da România Ocidental que possui o genitivo no seu paradigma dos pronomes pessoais<sup>3</sup>.

Vamos representar isto para ficar mais claro:

- (35) ES: [<sub>SD</sub> *Mi amigo mi*] *es sueco*.

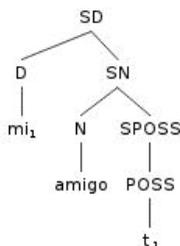


Figura 15

- (36) ES: [<sub>SD</sub> *Aquel amigo mio aquel*] *es sueco*

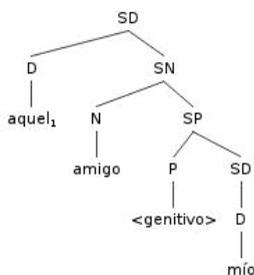


Figura 16

#### 4.4. O possessivo em catalão

O catalão tem um comportamento dos clíticos que, em princípio, é parecido com o galego-português (mais com o português do que com o galego) e, portanto, também com o italiano. O uso do possessivo pré-nominal com o demonstrativo não usual em catalão, que prefere as formas com o possessivo pós-nominal:

- (37) CT: [<sub>SD</sub> *Aquell amic meu* / ?*aquell meu amic*]

Porém, há casos em que a posição pré-nominal com demonstrativo não é estranha em catalão:

- (38) CT: [<sub>SD</sub> *Aquells meus anys d'infantesa meus aquells*]

<sup>3</sup> O paradigma do pronome pessoal em espanhol tem, por exemplo na a primeira pessoa, quatro casos: nominativo: *yo*, oblíquo *mi*, genitivo *mio*, instrumental *conmigo*. Não consideramos os clíticos como pronomes pessoais, portanto não se inclui *me*.

Aliás, o catalão apresenta uma característica própria a respeito do uso do possessivo com os nomes de parentesco. Como já ficou dito, o galego e o italiano têm neste caso uma forma coberta de determinante (em galego, porém, opcionalmente, veja-se gráfico 13). O catalão, pelo seu lado, tem possessivos especiais para estes usos: *mon, ma, mes; ton, ta, tes; son, sa, ses*. Estes possessivos são apenas empregues com um só possuidor, mas a sua interpretação sintática é que se trata de uma ascensão direta para o núcleo D. À diferença do que acontece com o galego e o italiano, o catalão não deixa D como forma coberta, mas faz que o possessivo seja o operador de D. Na realidade, o catalão, apenas neste caso, comporta-se como o espanhol ou o francês. Eis a interpretação:

(39) CT: [<sub>SD</sub> *Mon pare/ el meu pare meu*] *està dolent*

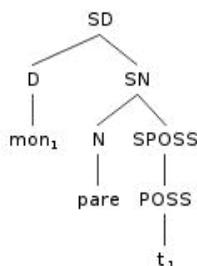


Figura 17

Além disso, em catalão é possível utilizar neste caso a forma de possessivo normal, como se vê no exemplo de acima.

#### 4.5. O possessivo em francês

O possessivo nesta língua no seu uso atributivo já foi introduzido anteriormente, onde se vê como coincide com o espanhol (cfr. Gráfico 11).

Contudo, o francês apresenta uma grande diversidade de paradigmas do possessivo que respondem a usos diferentes. Por um lado, no uso atributivo, quando o possessivo ocupa D, as formas são *mon, ma, mès*, etc. Por outro lado, o uso predicativo exige o artigo mas as formas do possessivo, na altura tônicas, tornam-se *le mien, la mienne, les miens, les miennes*. Finalmente, existe um uso preposicional introduzido com *à* (não com *de*, como noutras línguas românicas) e o pronome oblíquo, por tanto: *à moi*. É assim que o francês apresenta a maior complexidade paradigmática.

Quanto ao seu uso predicativo, veja-se §6. Quanto ao uso da estruturas preposicionais, têm certo paralelismo com as formas pronominais do espanhol:

(40) ES: [<sub>SD</sub> [<sub>D</sub> un] [<sub>SN</sub> [<sub>N</sub> amigo] [<sub>SP</sub>[<sub>P</sub> <+gen>] [<sub>SD</sub> mío]]]]]

(41) FR: [<sub>SD</sub> [<sub>D</sub> un] [<sub>SN</sub> [<sub>N</sub> ami] [<sub>SP</sub> [<sub>P</sub> à] [<sub>SD</sub> moi]]]]]

visto que seria impossível em francês uma construção do tipo:

(42) **FR:** [<sub>SD</sub> \**un mon ami mon*]

como também o é em espanhol:

(43) **ES:** [<sub>SD</sub> \**un mi amigo mi*]

## 5. Os possessivos segundo o Esquema II e III

### 5.1. O possessivo em sardo

O sardo e o romeno são as únicas línguas românicas em que o possessivo atributivo é obrigatoriamente pós-nominal.

Para além de todas estas considerações, o possessivo sardo comporta-se como o italiano, com omissão –forma coberta– do artigo quando é usado com nomes de parentesco. A única diferença, obviamente, é que enquanto em italiano o possessivo ascende em quase todas as ocasiões, em sardo não ascende nunca. Tudo isto pode ser refletido nos seguintes exemplos:

(44) **SR:** [<sub>SD</sub> *s'amigu miu*] *si narat Antoni*

(45) **SR:** [<sub>SD</sub> *ø babbu*] *est oe andadu a su dutore.*

(46) **SR:** [<sub>SD</sub> *Cuddu amigu tuo*] *traballat in Casteddu*

(47) **SR:** [<sub>SD</sub> *Una amiga tua*] *t'at mutidu in antis.*

### 5.2. O possessivo em romeno

A diferença entre as estruturas II e III centram-se apenas na posição do artigo. No caso romeno trata-se de uma questão substrática, mas provavelmente o latim dácio usava o esquema II que depois se transformou, nalguma altura, no III. Pode-se portanto afirmar que o esquema II é anterior ao esquema III, onde este último é uma derivação do primeiro.

É perfeitamente conhecida tal influência substrática no romeno (dácia), comum com as línguas vizinhas embora sejam de famílias linguísticas diferentes. O romeno apresenta uma série de traços gramaticais exclusivos que são desconhecidos no resto da România e que são, precisamente, atribuídos a substrato pré-romano. Assim, comparte com o grego e o búlgaro as construções completivas sem infinitivo, mas com o verbo dependente em conjuntivo, as duplas construções de artigo com demonstrativo e, nomeadamente, a colocação do possessivo pós-nominal (que, em qualquer caso, não é exclusivo da área balcânico-românica, como já foi dito). O que sim é exclusivo do romeno é a ordem dos possessivos no seu uso atributivo, pois mesmo o artigo é pós-nominal:

(48) **RO:** [<sub>SD</sub> *cărțile mele*]

O romeno, como é sabido, emprega o artigo enclítico do substantivo. Isto envolve que a estrutura do SD seja muito mais complexa. A nossa interpretação é que N ascende para D e amalgama com o artigo, mas não vamos aprofundar nesta questão agora, porque fica fora do nosso estudo.

## 6. O problema das formas tónicas

Até agora, exceto no caso do espanhol, tratamos apenas das formas atributivas (e, portanto, átonas) dos possessivos. Porém, em certas circunstâncias, os possessivos apresentam formas tónicas cuja natureza é distinta, visto que se trata de usos predicativos. A transformação de uma forma átona numa outra tónica não é apenas uma mudança de categoria, como se mantinha na gramática tradicional, o passo de uma forma adjetival para outra pronominal.

A teoria que nos propomos desenvolver para a maioria das línguas objeto do nosso estudo (excetuando o espanhol neste caso) é que a omissão de N faz que a sua tonicidade passe para o possessivo. De facto, o processo seria um movimento múltiplo de N e de POSS para SD, onde N ascende como *pro*, suficiente para “ceder” a tonicidade ao possessivo. O processo é representado neste exemplo português:

(49) PT: [<sub>SD</sub> *Os pro teus pro teus*] são melhores

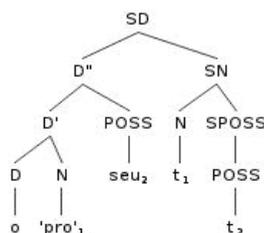


Figura 18

Trata-se de uma interpretação arriscada, porque tratamos o núcleo de N como *pro*, mas ao nosso entender é assim. Dentro do SD, se não houver um AS, o nome é o único elemento tónico, enquanto o artigo e o possessivo são átonos. Portanto, a única forma de explicar a tonicidade do possessivo neste caso é precisamente por um movimento múltiplo para SD, onde *pro* também ascende e representa a tonicidade de POSS.

Esta explicação serve também para o francês, mas nesta língua a ascensão do possessivo junto com o *pro* nominal vai dar lugar a uma forma nova; assim, *mon* converte-se em *le mien*. Pode-se expressar que: *mon* + [+TON] = *mien*, visto que *mon* [-TON] opõe-se a *mien* [+TON].

Quanto ao espanhol, esta língua serve-se do seu SP que ocupa o lugar do possessivo e que já é tónico, portanto não há qualquer movimento:

(50) ES: [SD [D *los* [SN [N *pro*] [SP *míos*]]]] *están bien*

## 7. Algumas questões adicionais relativas aos possessivos

### 7.1. As construções de vocativo com possessivo

É muito interessante em italiano atender para alguns casos específicos de possessivos sem artigo e pós-nominais. Em primeiro lugar, o uso dos nomes próprios com possessivo (o qual também é possível na maioria das línguas românicas):

(51) IT: *Il mio Michele*

dá lugar a construções de vocativo sem artigo:

(52) IT: *Michele mio!*

Tais construções são analisadas como de movimento do N para o D (Alexiou 2007: 4). Serve a mesma explicação para as construções com *casa*, que em italiano se comportam igual (e também em catalão):

(53) IT: *Venite [SP a casa mia]*

que também são interpretadas como um movimento de N para D (Lombardi 1994, 1996).

Mas quando a construção de vocativo é comparada com a equivalente espanhola, vê-se que o possessivo nesta língua tem a forma tónica, portanto não é possível interpretar qualquer movimento do nome, mas simplesmente ausência total de movimentos:

(54) ES: *¡Miguel mio!*

### 7.2. O sintagma preposicional como possessivo

Algumas línguas empregam estruturas de SP para expressar a posse. Eis os casos mais normais:

O galego-português, para evitar a ambiguidade entre um possuidor ou vários possuidores tratando-se da terceira pessoa. Neste caso, trata-se de uma construção pós-nominal onde o SP é claramente um complemento do SN. De facto, estas estruturas românicas são idênticas às latinas com *eius* e *eorum*:

(55) PT: *Fomos passar as férias ao seu pais → ao país deles.*

O galego conhece outra estrutura semelhante, com o possessivo invariável em singular masculino, com um forte valor enfático:

(56) GL: *Sempre estás a falar das cousas de seu.*

## 8. Conclusões

Temos formulada a hipótese de o possessivo se gerar numa posição inferior ao SN, igual que o SDEM, a partir da qual explicamos todos os comportamentos da maioria das línguas românicas quanto aos movimentos dos possessivos.

Num primeiro momento, o latim desenvolveu construções de possessivo com determinante, nomeadamente o artigo quando este deixou de ser demonstrativo. Tais construções continuam a ser utilizadas na grande maioria das línguas, exceto em francês, espanhol e português do Brasil, que simplificaram a estrutura, permitindo a ascensão direita do possessivo para o núcleo do SD. Porém, o espanhol conservou o genitivo do pronome pessoal que não é conhecido no resto das línguas românicas.

O resto das línguas, embora mais conservadoras, têm um comportamento mais ou menos semelhante, com uma estrutura não marcada de artigo definido seguido do possessivo, com algumas peculiaridades como a ausência de movimento em português europeu com o demonstrativo ou o artigo indefinido.

## Referências bibliográficas

- CINQUE, G. (1994). "On the Evidence for Partial N-movement in the Romance DP", in Cinque *et alii* (eds.) *Paths toward Universal Grammar. Studies in honor of R. Kayne*. Georgetown University Press, Washington, D.C., 85-110.
- CORNILESCU A. (1993) "Notes on the Structure of Romanian DP and the Assignment of the Genitive Case" in *University of Venice Working Papers in Linguistics* 3.2.  
<http://lear.unive.it/bitstream/10278/413/3/3.5.pdf> [consultado 02.09.2010]
- LONGOBARDI, G. (2001) "The Structure of DPs: some principles, parameters and problems", in M. Baltin & C. Collins (eds.) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*, Blackwell, pp. 562-603